17:08 52%

HOJE, 06.ABR....

Mortes pela PM de SP voltaram após 'tô nem aí' de Tarcísio

Governo paulista afirma que associar fala do governador a novos episódios na Baixada Santista é irresponsável

Tulio Kruse

SÃO PAULO A frase mais marcante do governador Tarcísio de Freitas (Republicanos) sobre as mortes da Operação Verão, quando disse que não estava "nem aí" para denúncias de abusos cometidos por policiais militares feitas por entidades à ONU (Organização das Nações Unidas), foi seguida de uma retomada das ações letais na Baixada Santista. A operação vivia um período de dez dias sem vítimas, mas as mortes recomeçaram logo após a declaração.

Um levantamento dos óbitos na região desde dezembro mostra coincidências entre as datas mais letais da operação, os assassinatos de PMs e declarações do governador e do seu secretário de Segurança Pública, Guilherme Derrite. Iniciada para reforçar a segurança no litoral durante a alta temporada, a Verão começou em dezembro mas foi reforçada e mudou de escopo no início de fevereiro, após a morte do soldado Samuel Wesley Cosmo, da Rota (espécie de tropa de elite da PM).

Dessa reformulação até a última segunda-feira (1º), quando foi encerrada, a operação deixou saldo oficial de 56 mortos, tornando-se a ação mais violenta na história da PM paulista desde o massacre do Carandiru, de 1992.

Questionado, o governo paulista disse que, na ocasião, "o governador foi claro ao destacar que a atual gestão não tolera excessos nas forças de segurança e que todos os casos comprovados de desvio de conduta serão exemplarmente punidos". A administração estadual também afirmou que "associar a fala do governador a novas mortes é estabelecer uma correlação irresponsável que tenta sustentar uma proposição de causa e efeito entre eventos distintos".

No dia 8 de março, uma sexta-feira, após ser questionado sobre uma queixa enviada ao Conselho de Direitos Humanos da ONU por causa da escalada de violência policial, Tarcísio afirmou que o governo tinha "muita tranquilidade" em relação à operação e declarou: "O pessoal pode ir na ONU, pode ir na Liga da Justiça, no raio que o parta, que eu não tô nem aí".

No dia seguinte, um policial militar ficou ferido com dois tiros no braço e, em seguida, um homem foi morto por PMs durante as buscas pelo autor dos disparos no Morro José Menino, em Santos. Outras 18 pessoas morreram até o fim daquele mês — entre elas, Edneia Fernandes Silva, 31, mãe de seis filhos.

A gestão Tarcísio não atribui a morte de Silva à PM, apesar de testemunhas afirmarem que o único tiro teria partido dos policiais, e diz que ainda é necessário investigar o caso.

Antes do "tô nem aí" de Tarcísio, o último caso com mortes na operação havia ocorrido em 27 de fevereiro. Cinco pessoas foram mortas por PMs num caso em São Vicente: dois adolescentes de 17 anos, um jovem de 18, um homem de 32 anos e outro de 24, que morreu no hospital dias depois.

da sociedade civil após ouvirem testemunhas e familiares das vítimas, como uma execução sumária. "Apesar da alegação de troca de tiros, 'nenhum policial restou lesionado'. O delegado do caso declarou que, em função da insegurança do território, não foi possível acionar a perícia", diz o documento, sobre o que classificou fragilidades na investigação.

O relatório também cita uma reportagem de UOL que ouviu testemunhas alegarem que as vítimas estavam desarmadas.

A cronologia da Operação Verão mostra que a data com mais mortes pela PM foi 3 de fevereiro. É o dia seguinte ao assassinato do soldado Cosmo, que integrava a Rota.

Sete pessoas morreram pelas mãos de PMs em Santos, São Vicente e Guarujá. Os dados oficiais da SSP mostram que aquele foi o dia com maior número de mortes provocadas pela PM na Baixada Santista em toda a série histórica, que teve início em janeiro de 2013.

As ações que resultaram em mortes começaram durante a madrugada, por volta das 2h, ou cerca de nove horas após a morte de Cosmo. Uma das primeiras vítimas do dia mais violento da Baixada Santista foi o catador de lixo José Marcos Nunes da Silva, 45, morto por policiais da Rota às 2h17, segundo o registro oficial.

Vizinhos contam que ouviram seus gritos implorando pela vida, e a família o descreve como um usuário de drogas que não tinha dinheiro nem capacidade para portar uma arma de fogo. A **Folha** conversou com colegas de trabalho que confirmaram que ele trabalhava no lixão, ao lado da favela onde morreu.

O levantamento mostra que o número de mortes por intervenções policiais na região estava em patamares muito mais baixos antes da primeira fase da Operação Verão. A letalidade teve alta poucos dias antes da morte do soldado Marcelo Augusto da Silva, o primeiro PM morto na região neste ano.

Há também outras coincidências entre as declarações oficiais e as ondas de morte ao longo da operação. O dia 7 de fevereiro, data do assassinato do cabo José Silveira dos Santos, teve também a morte de seis pessoas pela PM.

Na véspera, Tarcísio havia dito numa entrevista em Milão, na Itália, que a polícia estava agindo "com muito profissionalismo" e serenidade.

O cabo da PM foi morto na manhã do dia 7 durante um patrulhamento em Santos. Cinco das seis mortes em ações policiais ocorreram após a morte dele, em Itanhaém, São Vicente e Cubatão.

O relatório da Ouvidoria e órgãos da sociedade civil também faz denúncias sobre as mortes daquele dia.

O ouvidor das polícias de São Paulo, Cláudio Aparecido da Silva, diz que as declarações de autoridades podem influenciar o comportamento da tropa nas ruas. "Não descarto, em nenhuma hipótese, que a declaração do governador possa ter influenciado, sim, o comportamento dos policiais", disse o ouvidor. "Afinal de contas, é a maior autori-

Operação Verão, em números e declarações oficiais

Nº de mortos pela PM por dia*

Mortes de policiais na Baixada Santista

2.dez.2023 — 1
3.dez — 1
11.dez — 1
17.dez — 1
18.dez — 2
23.dez — 1
27.dez — 1
1º jan. 2024
9.jan — 2
1ª fase
12.jan — 1
17.jan — 1 — Soldado Marcelo Augusto da Silva **PM**; Soldado Samuel Wesley Cosmo **Rota (PM)**

'Vão operar mais uns 40 lá, com certeza'
Jair Bolsonaro, ex-presidente da República, ensaiava mortes de suspeitos

23.jan — 3
24.jan — 3
26.jan — 1
28.jan — 4
30.jan — 3
31.jan — 3

'A polícia tem agido com muito profissionalismo. Tem agido com muita serenidade'
Tarcísio de Freitas, governador de SP

2.fev — 1
3.fev — 7
4.fev — 1
5.fev
6.fev
7.fev — 6 — Cabo José Silveira dos Santos **2º Baep (PM)**
8.fev — 2
9.fev — 3 — Comando da PM coloca tropa de sobreaviso
10.fev — 1
11.fev — 1 — Governo de SP transfere cúpula da Segurança para a Baixada Santista
2ª fase
14.fev — 2 — Suspeito da morte do soldado Samuel Cosmo é preso em MG
15.fev — 2
16.fev — 4
17.fev — 1
Cúpula de Segurança volta à capital
19.fev — 2
20.fev — 1
21.fev — 2
22.fev — 1
23.fev — 1

'A criminalidade [na região de Santos] é muito mais agressiva que o normal'
Guilherme Derrite, secretário de Segurança Pública de São Paulo

26.fev — 1
27.fev — 5
29.fev

'A gente não quer o confronto mas a polícia está preparada para o confronto, e quem confrontar vai se dar mal'
Tarcísio de Freitas, governador de SP

6.mar
8.mar
9.mar — 1

'Não reconheço nenhum excesso'
Guilherme Derrite, secretário de Segurança Pública de São Paulo

11.mar — 3
3ª fase
13.mar — 2
14.mar — 2

'Pode ir na ONU, pode ir na Liga da Justiça, no raio que o parta, que eu não tô nem aí'
Tarcísio de Freitas, governador de SP

16.mar — 1
Policial militar fica ferido durante ação em Santos
22.mar — 3
23.mar — 3
26.mar — 2
27.mar — 2 — Morte de Edneia Fernandes, 31, mãe de seis filhos
28.mar — 1
29.mar — 1

*As mortes por intervenção policial de dezembro a fevereiro foram tabeladas e publicadas no site oficial da SSP; as mortes no mês de março foram noticiadas por veículos de imprensa, após confirmação do mesmo órgão

Derrite lamenta mãe de 6 entre vítimas e fala em mais treinamento policial

SÃO PAULO O secretário de Segurança de São Paulo, Guilherme Derrite, lamentou nesta sexta-feira (5) a morte de Edneia Fernandes Silva, 32, mãe de seis filhos, vítima de ação policial na Operação Verão em Santos, no litoral paulista.

Foi a primeira vez que o secretário comentou publicamente a morte de Silva, que aconteceu no último dia 27. Ela foi uma das últimas vítimas da operação da PM paulista, que deixou 56 mortos e foi encerrada na segunda-feira (1º).

Na terça (2), o secretário afirmou que não sabia que o saldo oficial de mortes da operação tinha chegado a esse total. Nesta sexta, ele voltou a afirmar que a operação cumpriu seus objetivos de "asfixiar financeiramente o crime organizado" e não fez reparos ao alto índice de letalidade.

A gestão Tarcísio de Freitas (Republicanos) não atribui a morte de Silva à PM —apesar de testemunhas afirmarem que o único tiro teria partido dos policiais— e diz que ainda é necessário investigar o caso para ter certeza sobre a autoria do crime.

"Se o crime organizado não estivesse instalado da maneira como se instalou no litoral, eu tenho certeza que isso não teria acontecido. Mas de qualquer forma é lamentável, e a gente fica triste, deixo registrado nossos sentimentos", disse Derrite.

O secretário também comentou a conduta de PMs que agrediram um jovem com golpes de cassetete e um cadeirante, com chutes, durante uma abordagem em Piracicaba, no interior paulista. Ele disse que os policiais descumpriram os protocolos operacionais da própria Polícia Militar durante a ação, mas também afirmou que seu afastamento das ruas não é um "castigo", e sim uma fase de reforço do treinamento.

"Foi um erro, eles cometeram um erro. Aquilo não é o procedimento correto, mas a gente tem de entender o contexto geral", ele afirmou. "[Os PMs envolvidos] estão afastados temporariamente das atividades operacionais? Sim. Mas para quê, como castigo? Não. Eles estão passando por 15 dias de treinamento intensivo sobre procedimentos operacionais, para que eles não mais cometam falha procedimental."

As declarações de Derrite, que é cotado para a disputa de uma vaga ao Senado em 2026, representam uma mudança em relação a discursos recentes. Na terça-feira (2), ele lembrou das mortes de três policiais no litoral e afirmou que "essa é a vida real, não o mundo utópico de 'olha, teve número xis de mortes'".

Ele disse que o caso de Piracicaba deve motivar uma rodada de treinamento de policiais militares no interior do estado.

"Vamos pegar policiais das tropas de elite, do Gate, da Rota, do Choque, e esses polícias vão até as regiões metropolitanas do interior, começando por Piracicaba —e não é coincidência, é justamente para aproveitar esse fato em que houve uma falha procedimental do policial—, levá-los [ao interior] e vamos treinar a abordagem policial, vamos fazer um nivelamento de legislação policial para todos".

Integrantes de alguns desses batalhões especializados, como Rota e Choque, estão envolvidos justamente nos casos em que há denúncia de assassinato de pessoas desarmadas e tortura nas operações Escudo e Verão, na Baixada Santista, desde o ano passado. Dois PMs da Rota viraram réus, acusados de tentar manipular as gravações de câmeras corporais e forjar provas.

Sobre esses casos, a SSP (Secretaria de Segurança Pública) tem dito que "todas as ocorrências dessa natureza são rigorosamente investigadas pelas polícias Civil e Militar, com a supervisão das respectivas corregedorias e o acompanhamento do Ministério Público e do Poder Judiciário".

Questionado sobre uma declaração do ouvidor das polícias, Cláudio Aparecido da Silva, que enxerga uma situação de descontrole das tropas, Derrite não comentou diretamente. "Nossa formação é muito sólida, é a polícia militar do Brasil que tem a maior grade curricular de direitos humanos para sua formação", disse.

A primeira fase da Operação Verão começou em 18 de dezembro, com foco no reforço da segurança das cidades do litoral durante a alta temporada de verão. **TK**

Seminário discute soluções para pessoas em situação de rua

João Rabelo

SÃO PAULO A presença de pessoas vivendo em situação de rua é vista como uma questão para 93% dos moradores do centro da cidade de São Paulo, segundo pesquisa Datafolha divulgada em março.

Não é uma questão apenas de São Paulo. De acordo com o Ministério dos Direitos Humanos e da Cidadania, em 2022, o Cadastro Único para Programas Sociais registrou 236,4 mil pessoas em situação de rua, indicando que um em cada mil brasileiros não tem moradia.

Para discutir o assunto, a Comissão Arns, organização da sociedade civil composta por juristas, intelectuais, jornalistas e ativistas pelos direitos humanos, a Escola de Direito de São Paulo da Fundação Getulio Vargas (FGV Direito SP) e a Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (Fiesp) promoverão, na segunda-feira (8), o forços de diversos setores da sociedade em busca de respostas abrangentes e humanitárias.

Entre os convidados, estão a arquiteta e urbanista Raquel Rolnik, relatora especial da ONU para direito à moradia adequada entre 2008 e 2014; padre Júlio Lancellotti, vigário episcopal para a Pastoral do Povo da Rua da Arquidiocese de São Paulo, e Flávio Falcone, médico e integrante do Movimento Craco Resiste.

Os jornalistas da **Folha** Vinicius Torres Freire, Eliane Trindade e Fernanda Mena vão mediar os debates. Os interessados em assistir aos encontros podem fazer a inscrição, gratuita, pelo site do seminário. O evento não terá transmissão online.

★

Seminário
Repense e Reconstrua
Dia 8 de abril, das 8h às 16h. Salão Nobre da Fiesp, avenida Paulista

Cotidiano e Esporte